

Mailson vai discutir dívida com Mitterrand

BRASÍLIA — O Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, tem um almoço importante com o Presidente da França, François Mitterrand, no próximo dia 23 de março, em Paris. O prato principal será o plano francês para redução da dívida externa dos países em desenvolvimento, através da criação de uma agência internacional para compra e revenda dos títulos desses débitos com desconto. Antes do almoço, Mailson e todos os Ministros das Finanças dos países da América Latina participarão de uma jornada de trabalho, a convite do Ministro da Fazenda da França, Pierre Bérégovoy, onde será aprofundada a discussão sobre a redução da dívida externa e das transferências de recursos para os países ricos, através do pagamento de juros.

Nessa reunião, Mailson deverá reiterar a posição do chamado Grupo dos Oito — Brasil, Peru, Venezuela, México, Argentina, Colômbia, Panamá e Uruguai — quanto à necessidade de buscar mecanismos para aliviar a dívida externa do Terceiro Mundo. Mailson acredita que a posição do Grupo dos Oito pode ser classificada como moderada e que, se os países industrializados não aceitarem instrumentos que diminuam o ônus da dívida, provavelmente enfrentarão, num futuro próximo, governos com posturas mais radicais na América Latina.

A proposta do Governo francês, anunciada em janeiro, resume-se à criação de um novo tipo de Direitos de Saque (DES), através do Fundo Monetário Internacional (FMI), o qual seria utilizado para instituir um novo título da dívida fora do âmbito de ação tradicional do organismo. Esse novo DES, que somente é viável com a criação de um fundo especial por parte dos países industrializados, daria garantia a novos bônus para conversão do débito antigo.

Antes de se reunir, em Paris, com autoridades do governo francês, Mailson e seus colegas da América Latina participam da Assembléia Anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), de 19 a 21 de março, em Amsterdã. A criação de uma agência internacional para promover a redução da dívida externa encontra resistência por parte dos Estados Unidos, mas tem o apoio, mesmo com restrições, da França, Alemanha Ocidental e Japão.